

Dos projetos literários dos “homens de letras” à literatura combativa das “mulheres de letras”: imprensa, literatura e gênero no Brasil de fins do século XIX

Laila T. Correa e Silva^(*)

Resumo

Neste artigo pretendo analisar o cenário literário carioca no momento de transição entre a Monarquia e a República, a partir da problematização do fato de que até agora a maioria dos estudos nos campos da sociologia, história cultural ou história social apenas exploram a atuação literária e política dos “homens de letras”, especialmente durante esse período. Proponho, portanto, uma leitura que conecta homens e mulheres de letras, centrando em Machado de Assis, Arthur Azevedo, Ignez Sabino, Maria Benedicta Câmara Bormann [Délia] e Josephina Álvares de Azevedo, atuantes na imprensa feminina e na de grande circulação na Corte Imperial dos anos 1880 e na Capital Federal dos anos 1890. A imprensa é aqui compreendida como o campo no qual se estabeleceu uma rede de contatos entre esses homens e mulheres. A literatura produzida no espaço dos jornais do Rio de Janeiro promove a possibilidade da investigação dos significados de projetos políticos e literários de cunho democrático de agentes históricos, homens e, principalmente, de mulheres, que pretendiam pensar de modo crítico e propositivo o papel da literatura numa sociedade recém-egressa da escravidão e da Monarquia.

Palavras-chave: Imprensa Brasileira de Fins do Século XIX. Gênero. Transição do Império para República.

Of the literary projects of the "men of letters" to the combating literature of "women of letters": press, literature and gender in late nineteenth-century Brazil

Abstract

In this article I intend to analyze the national literary scene in the moment of transition between the Monarchy and the Republic, from the problematization of the fact that until now most of the studies in the fields of sociology, cultural history or social history only explore the literary and political action of "men of letters", especially during this period. I propose, therefore, a reading that connects men and women of letters, focusing on Machado de Assis, Arthur Azevedo, Ignez Sabino, Maria Benedicta Câmara Bormann [Délia] and Josephina Álvares de Azevedo, who are active in the women's press and in circulation in the Court Imperial in the 1880s and in the Capital Federal of the 1890s.

^(*)Doutoranda em História Social. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, IFCH. Departamento de História. Bolsista FAPESP. E-mail: lailacorreasilva@gmail.com.

The press is understood here as the field in which a network of contacts has been established between these men and women. The literature produced in space of Rio de Janeiro newspapers promotes the possibility of investigating the meanings of political and literary projects of a democratic nature of historical agents, both men and women, who intend to rethink in a critical and propositive way the role of literature in a newly-after slavery and the Monarchy.

Key-words: Brazilian press at the end of the 19th century; Genre; Transition from the Monarchy to the Republic.

Os “homens de letras” que integravam o movimento literário no momento da transição entre o Império e a República já foram tema de várias pesquisas sobre a atuação política e o papel proeminente da literatura nacional no campo social. Nesse âmbito destaca-se uma ideia geral que permeia a auto-representação dos grupos de literatos, neste e em outros períodos da história nacional: a noção de uma missão, repensando projetos políticos e colocando-os publicamente como uma síntese dos anseios e interesses comuns da sociedade.

Na sociologia, Angela Alonso abordou a chamada “geração de 1870” que congregava nomes díspares que tinham filiações intelectuais e doutrinárias múltiplas tais como: liberalismo, republicanismo, positivismo, abolicionismo e o cientificismo geralmente inspirados por Charles Darwin e Herbert Spencer. A grande contribuição de Alonso para o debate, que se configurou como novidade à época, foi a interação entre o desenvolvimento de teorias por esse grupo de intelectuais e as práticas sociais que se configuravam como atuação efetivamente política em fins do século XIX. Além de evidenciar que o processo teórico e científico da década de 1870 não se desenvolveu em separado da política nacional na recepção das ideias europeias importadas, acrescentou que aqui elas foram reelaboradas e adaptadas às necessidades nacionais. A crítica ao imobilismo da Coroa frente aos problemas sociais que abalavam as estruturas do Império seria um fator que congregava esse grupo tão heterogêneo de homens intelectuais. O sociólogo Sérgio Miceli dedicou-se ao estudo da intelectualidade masculina brasileira no que concerne à relação entre suas origens sociais e suas posições nas estruturas de poder, especialmente no âmbito do Estado, problematizando o sentido dessa relação durante a República Velha, na primeira parte dedicada aos “anatolianos”. (MICELI, 2001).

Destacam-se também estudos de historiadores da cultura que procuram destrinchar a complexidade da atuação pública e a produção literária dos escritores brasileiros na virada do século XIX. Os jovens boêmios de fins da década de 1880 e os escritores da *belle époque* suscitaram estudos historiográficos consagrados que sob diferentes ângulos perscrutam a relação estabelecida entre literatura e política. Nicolau Sevcenko redigiu o primeiro estudo desse tipo, explorando sua relação com a sociedade e a política. O recorte temporal de Sevcenko é amplo: desde 1870 até a segunda década do século XX, com foco sociológico e tipológico dos escritores desse longo período. Trata-se, resumidamente, da caracterização de intelectuais engajados, na segunda metade do século XIX, inserindo-os no fluxo de ideias europeias que no Brasil representavam correntes de pensamento liberais e até mesmo cientificistas e evolucionistas (teoria darwinista, darwinismo social, *struggle for life*) (SEVCENKO, 2003, p. 100).

O ponto central da análise de Sevcenko são os escritos sobre a Primeira República, de Euclides da Cunha (1866-1909) e Lima Barreto (1881-1922); todavia, o autor não se furta à oportunidade de analisar a produção de uma série de jovens literatos de fins da década de 1880 e início dos anos 1890, período contemplado por este artigo, os quais enfrentaram uma desilusão imensa com a ascensão da República: momento político que, ao contrário do esperado, não promoveu a democratização tão almejada por essa geração de homens letrados. Nicolau Sevcenko, o historiador Jeffrey Needell (1993) e o crítico literário Roberto Ventura (1991) desenvolveram cada um ao seu modo uma análise sobre a história do apogeu e decadência da geração de 1870 e seus desdobramentos na cultura nacional. Todavia, nenhum desses trabalhos sequer mencionou a atuação literária de mulheres nesse mesmo período, embora haja escritoras profícuas.

No campo da história social da cultura, o estudo do inglês E. P. Thompson sobre a ligação direta entre a produção literária e a orientação ou atuação política dos escritores, no caso, românticos da Inglaterra no final do século XVIII, suscita mais reflexões sobre os intercâmbios entre literatura e atuação política. Segundo o historiador marxista, a crítica literária tinha como tendência geral estudar os escritos de Wordsworth e Coleridge sob o prisma do desencanto político, “como se, à medida que cada área das crenças políticas de Wordsworth sofria o desencantamento, essa área ficava disponível para a sensibilidade poética”. (THOMPSON, 2002, p. 51-52).

A argumentação de Thompson segue um caminho totalmente oposto desse: o poeta e o homem politicamente engajado andam juntos. Segundo Thompson, seria justamente no período de conflito, ao longo do caminho entre a apostasia e o desencanto, no impulso criativo que surge no cerne do conflito, na “tensão entre uma aspiração ilimitada- por liberdade, razão, *égallité*, perfectibilidade- e uma realidade peculiarmente agressiva e incorrigível”, que a criação literária pode ser percebida em todo o seu potencial político e reformulador da sociedade (THOMPSON, 2002, p. 56). Wordsworth e Coleridge, em fins do século XVIII, teriam sido arrebatados por contradições reais e ideais, pois eram defensores da Revolução Francesa e ficaram “enojados” com o curso que ela tomou. Do ponto de vista cultural, romperam “com a cultura tradicional e ficaram horrorizados com algumas características da nova” (THOMPSON, 2002, p. 56).

A partir da análise de Thompson, o conflito entre o projeto ou a concepção teórica sobre o papel e a atuação política do literato ganham novos matizes e permitem uma ampliação do escopo da análise, ainda que seu estudo não aborde a literatura inglesa preche de escritoras que se inseriam cada vez mais na escrita de romances, como demonstra Cheryl Turner ao mapear a trajetória e a publicação de romancistas profissionais, escritoras britânicas entre os anos de 1696 e 1796 (TURNER, 1994). Thompson tampouco explora a importância de tratados sobre a situação feminina, como por exemplo, o escrito de Mary Wollstonecraft, *Reivindicação dos direitos da mulher* (1832), que incluiu a questão da desigualdade feminina no centro do debate Iluminista sobre cidadania e conquista de direitos, dialogando diretamente com Jean- Jacques Rousseau. Wollstonecraft influenciou uma geração de escritoras do século XIX, na Europa e nas Américas. Para restringir ao interesse imediato deste artigo, no Brasil, há de se notar a grande influência de *Reivindicação dos direitos da mulher* na escrita de Dionísia Gonçalves Pinto [Nísia Floresta Brasileira Augusta] (1810-1885), sobretudo em *Direitos das mulheres e injustiça dos homens* (1832). Nísia Floresta foi uma personalidade feminina do mundo das letras que atingiu notoriedade nos estudos sobre gênero, como uma voz fundamental para se pensar na atuação feminina na educação, no abolicionismo, na República e na emancipação da mulher no Brasil dos séculos XIX e XX.

Leonardo Affonso Pereira, historiador social da cultura e especialista em literatura brasileira de fins do século XIX, revela a existência de uma identidade entre os literatos da década de 1880 sem, contudo, perder as nuances conflituosas que

permeavam as personalidades e as concepções políticas e literárias de cada um deles (PEREIRA, 2004). Alguns homens dessa geração fundaram jornais literários como *A semana* (1885), no qual colaboraram Valentim Magalhães, Filinto de Almeida, Raimundo Corrêa e Aluísio Azevedo e *Vida Moderna* (1886), fundados por Coelho Netto, Luiz Murat e Arthur Azevedo. O principal objetivo dessas publicações era transformar a multidão em povo, mas o maior obstáculo seria, segundo eles, a falta de penetração social da literatura. Coelho Netto, Olavo Bilac e Raul Pompeia buscaram na crônica um modo de contato mais amplo com o público leitor e essa se tornou a via utilizada por quase todos eles.¹

Os projetos literários e políticos desses literatos surgiram em palestras nos cafés da Rua do Ouvidor, idealizando a Abolição e o fim da Monarquia e nesses diálogos ‘a conquista’ almejada se referia ao fim da escravidão. Coelho Netto, um porta voz desse movimento literário, ilustra a trajetória política de seus amigos de letras no Rio de Janeiro. Em 1885 inseriu-se na campanha abolicionista carioca, associando-a ao empenho na atividade literária que se desenvolveu nos anos seguintes, por meio da colaboração para folhas abolicionistas como a *Gazeta da Tarde* de José do Patrocínio. A grande imprensa carioca em pleno desenvolvimento era um caminho para difundir suas ideias abolicionistas (ALONSO, 2015) e também um modo de alcançar outro padrão de nacionalidade, voltada à análise mais profunda da sociedade brasileira (PEREIRA, 2004).

Machado de Assis, uma das importantes personalidades literárias desse período, não era um jovem literato boêmio nos anos 1880, embora tenha formado com muitos, dentre eles Arthur Azevedo e com componentes da “geração de 1870” (Sílvio Romero, Joaquim Nabuco) a Academia Brasileira de Letras, em 1896. Machado já era um escritor célebre e consolidado na década de 1880 e figura n’ *O carnaval das letras* de Pereira como um verdadeiro mestre para a nova geração de jovens escritores de fins do século XIX. O ‘narrador –personagem’ das crônicas de *Bons Dias!*, Policarpo, repetiu argumentos de outros literatos que negavam as tradições populares do carnaval e defendiam a transformação da festa a partir de padrões europeus e ‘civilizados’. Mas, o

¹Essa geração de jovens encontra várias denominações na historiografia e na crítica literária: “geração de 1889” ou “geração boêmia”. Coelho Netto, importante componente desse grupo, denominou-os de “Caravana” no romance *A Conquista* (1899) que descreve a trajetória desses boêmios na cidade do Rio de Janeiro entre os anos 1887-1888. Esse grupo de escritores, na faixa etária dos vinte anos no momento de ascensão da República, buscava uma identidade nacional num contexto de reordenamento estrutural dos dispositivos de dominação nas relações de classe, a partir do fim da escravidão e da ascensão da República.

caráter crítico da argumentação machadiana, atributo narrativo amplamente explorado pela historiografia, sinaliza a ênfase de Machado no caráter excludente das mudanças propostas pelos seus contemporâneos aos festejos de Momo. Em grande medida, esse grupo de boêmios que pretendiam se lançar na carreira literária nos anos 1880 imaginava que o seu papel era o de “difundir suas discussões e seus projetos de uma maneira formativa”, mais do que o simples registro e conhecimento das práticas cotidianas populares, eles queriam transformar o mundo das ruas. Leonardo Pereira, a partir do estudo detido do significado da narrativa de Policarpo, “indica a possível desconfiança de Machado em relação à construção desses consensos sobre a folia que fundamentam a imagem de nação presente na visão projetiva de muitos desses literatos” (PEREIRA, 2004, p. 196). Sevcenko (2003) também sugere com base no conto “Evolução” (1884, *Gazeta de Notícias*) um contraponto preciso entre Machado de Assis e o ideário de progresso europeu engendrado por literatos das décadas de 1870 e 1880-1890, gerações de intelectuais que pretendiam “modernizar” o Brasil. Há em Sevcenko, assim como em Pereira, a interessante concepção de que Machado de Assis participa desse momento literário como um ponto de crítica e inflexão à aposta na Abolição e na República como dois acontecimentos que mudariam radicalmente a estrutura política e social da sociedade brasileira.

Minha proposta é mostrar que a literatura feminina esteve presente e atuante por meio de uma produção profícua nos jornais e com voz ativa e crítica. Dentre as muitas escritoras desse período, destaco Ignez Sabino (1853- 1911), Maria Benedicta Câmara Bormann [Délia] (1853-1895) e Josephina Álvares de Azevedo (1851-?) devido à potência crítica que pode ser percebida na escrita dessas literatas, a qual até agora não foi amplamente explorada.

O caso da revista *A Estação*.

A Estação foi uma revista de modas editada pela tipografia H. Lombaerts & Cia, que mantinha uma seção literária na qual Machado de Assis contribuía desde o início da publicação, em 1879. Machado publicou o romance- folhetim *Quincas Borba* e mais de trinta contos, poemas, críticas, resenhas editoriais e traduções (SILVA, 2015). A revista compunha-se de um editorial sobre moda, uma parte literária, seção de variedades e muitos anúncios. A pretensão dos editores, segundo o editorial de estreia, de 15 de janeiro de 1879, era a criação de “um jornal brasileiro indispensável a toda

mãe de família econômica que deseja trajar e vestir suas filhas segundo os preceitos da época”.

Machado de Assis e Arthur Azevedo são alguns dos nomes que contribuíram para *A Estação* e tornaram-se consagrados no mundo das letras. Entre as décadas de 1880 e 1890, além de Júlia Lopes, outras mulheres, menos conhecidas atualmente, contribuíram com seções, dentre elas: Ignez Sabino [Pinho Maia], colaboradora em outros jornais femininos como *Echo das Damas*, redigido por Amélia Couto e, também, Francisca Senhorita da Motta Diniz, fundadora d’*O Sexo Feminino* e editora d’*A Voz da Verdade e A Primavera*.

Dulcília Buitoni em seu importante estudo sobre a imprensa feminina argumenta que pode parecer, num primeiro momento e sob um ponto de vista superficial, que “receitas de culinária, conselhos de beleza, contos de amor e outros assuntos comuns às revistas, seções e suplementos femininos do mundo intero são neutros”; contudo, ao avançarmos para além da superfície, “veremos que a imprensa feminina é mais ‘ideologizada’ do que a imprensa dedicada ao público geral. Sob a aparência de neutralidade, a imprensa feminina veicula conteúdos muito fortes” (BUITONI, 1981, p. 1). Sem dúvida, a relação imprensa feminina\mulher pode implicar em questões mais amplas, como por exemplo, o papel social da mulher ou sua participação política, como mostra June E. Hahner ao dimensionar as demandas pela ampliação de direitos políticos às mulheres, bem como a reivindicação da ampliação das esferas de atuação feminina, a partir da segunda metade do século XIX (HAHNER, 2003).

Geralmente, em revistas femininas como *A Estação* criava-se um “mundo da mulher”, doméstico e repleto de dicas de moda, com moldes para vestidos, crochês e muitas atividades consideradas próprias ao sexo feminino. Contudo, em grande medida, Machado de Assis e Arthur Azevedo foram além do mero *entretenimento feminino* ao escrever literatura e crônica n’ *A Estação*, dialogando com algumas das demandas presentes nos jornais dirigidos por mulheres e na literatura feminina engajada na emancipação da mulher, via educação, participação no mercado de trabalho e na política, pelo direito ao voto. Nesse âmbito, Machado de Assis e Arthur Azevedo serão a primeira etapa da análise que pretendo desenvolver sobre a questão de gênero na transição da Monarquia para a República, articulando temáticas abordadas por esses dois autores aos temas da imprensa escrita por mulheres e algumas de suas obras, tais como romances, editoriais e teatro, escritos pelas “mulheres de letras”.

Machado de Assis e Arthur Azevedo contribuíram para *A Estação* durante o mesmo período- considerando que Azevedo começou sua contribuição em 30 de julho de 1884 com as crônicas “Os teatros”, que em 15 de dezembro de 1886 passaram a ser chamadas de “Chroniquetas”, por Eloy, o Herói, seu pseudônimo. Azevedo assim como Machado foi um importante cronista, tendo uma coluna diária no *Diário de Notícias* com o título “De Palanque” (1885 a 1886), adotando o mesmo pseudônimo das assinaturas de crônicas de *A Estação*. Machado e Azevedo participaram do documento intitulado: *Poliantéia comemorativa da inauguração das aulas para o sexo feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios, Rio de Janeiro, 1881*, que reuniu a opinião de 04 mulheres e 127 homens de letras convidados a escrever sobre a educação feminina. Machado argumenta que à direção do lar dever-se-ia acrescentar um pouco mais de cultivo do espírito, lançando mão de uma metáfora bíblica “Daí à Marta um pouco de Maria” (soneto que também foi publicado n’*A Estação*). Arthur Azevedo, por sua vez, afirmou que a instrução dada à mulher deveria ir além das agulhas e dos alfinetes: “Alguma coisa o mundo tem, palestre\ Sobre estes três assuntos:\Ciências, artes e literatura”.²

Machado já havia escrito vários contos para o *Jornal das Famílias* (1863-1878), projeto editorial muito similar à *Estação*. John Gledson apresenta um panorama interessante sobre a importância da mulher na obra machadiana.³ Para o crítico “Machado sempre escrevera em periódicos cujo público dominante era feminino (...) Nem que fosse só por essa razão, era constante que suas histórias tivessem muitas personagens do sexo feminino” (GLEDSON, 2006, p. 104). A análise não se restringe apenas ao fato de Machado ter utilizado muitas figuras femininas em seus escritos, pois Gledson destaca que o autor de *Quincas Borba* abordou o casamento, “muitas vezes como um problema: o adultério está no ar, quando não presente na realidade. Ainda mais admirável, a prostituição, embora não seja um tópico frequente, não é mais tabu; de todos o mais ousado é o de Marocas, em “Singular ocorrência”, publicado pela primeira vez na *Gazeta de Notícias* em 1883. Segundo esse dado, o crítico afirma que Machado seria, em alguma medida, “feminista”, pois reconheceu as necessidade econômicas, emocionais e mesmo sexuais das mulheres. Acrescento à argumentação de Gledson que, enquanto crítico literário, Machado também valorizou a escrita feminina.

² Esse tema foi estudado por BERNARDES, 1998.

³ Destacou-se, até agora, a importância das personagens femininas na obra machadiana, mas, certamente, o papel proeminente e a construção crítica que Machado confere às suas personagens do sexo feminino denota a visão do literato sobre o papel social das mulheres. Ver: CHALHOUB, 2007 e FITZ, 2015.

Numa crítica publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, em abril de 1866, o literato admirou a “individualidade feminina” e a “inteligência esclarecida” dos versos de Adélia Fonseca (MUZART, 2000, p. 287). Em “A Nova Geração” Machado evidenciou o prefácio escrito pela poetisa Narcisa Amália ao livro de poesias do jovem Ezequiel Freire.

Arthur Azevedo também abordou a situação social da mulher. Em suas crônicas, apesar de escrever sobre temáticas variadas, sobretudo os acontecimentos culturais da Corte, Azevedo chama a atenção da “formosa leitora” para fatos políticos da Corte. Ora, entre o falar e o entender das leitoras pode haver um abismo. Ou mesmo, devo estar atribuindo importância demais para os temas que Machado e Azevedo traziam ao público feminino d’*A Estação*, incorrendo num anacronismo *grave* ao impor uma leitura contemporânea à mente das mulheres oitocentistas. Contudo, adotando o método de Roger Chartier (2002), mostra-se extremamente promissor recorrer à recepção desse conteúdo pelas leitoras a partir das cartas que elas escreveram para a revista, as quais demonstram que esse primeiro indício de interpretação não é impróprio.

Dentre as cartas que podem ser encontradas n’ *A Estação* entre as décadas de 1880 e 1890, destaco duas que podem exemplificar a recepção e interpretação do conteúdo político da revista. Em 15 de janeiro de 1885, uma leitora, casada e que escrevia uma carta anônima sem dizer nada ao marido, comentou os fatos da última eleição de 1884 e pediu o direito ao voto feminino (e para, além disso, o voto exclusivo à mulher), com o único objetivo de salvar o país. É especialmente notável a forma pela qual a leitora se apropriou de um discurso que definia a mulher como um ser frágil e limitado e o inverteu de uma forma surpreendente:

(...) Dêem a nós, e só a nós, o direito de votar e ser votado, e verão como tudo muda. Em primeiro lugar, somos o sexo frágil, e fracos não fazem barulho. Fraco mete-se em casa, não provoca, não insiste, nem resiste. Em segundo lugar, a mulher é indulgente e meiga; perdoa com facilidade. Em terceiro lugar, para fazer barulho, é preciso cair no desalinho, e nenhuma de nós sacrifica um pedacinho da manga ou da saia ao gosto de ter um diploma [de deputado].

Além dessas razões, há está: por que há de o Brasil perder esta ocasião de estabelecer uma coisa, que, dentro de cem anos, vai ser regra geral da humanidade civilizadora? Sim, senhor, o governo dos homens está por pouco. Em tantos séculos e diferentes regimes, não tem ela trazido a este planeta mais do que sangue, opressão e revoluções. Nada mais. Percorra todas as histórias, desde as mais antigas até as contemporâneas e verá que o domínio do homem tem sido uma mistura de sangue e lágrimas.

Lugar à mulher! (...) (*A ESTAÇÃO*, 1885).

Outra carta, de 30 de junho de 1886, assinada como Amália X..., exortava a participação das senhoras na câmara. Com o título “Uma ideia nova”, Amália argumentava sobre a necessidade das mulheres estarem presentes na câmara, como vereadoras, pois elas certamente cuidariam das vias públicas com maior esmero e não as deixariam em um estado deplorável por conta das águas pluviais:

(...) assim como alguns políticos estão a querer os estrangeiros na câmara municipal, dêem lá entrada as senhoras. Parecerá esquisito, mas vão ver meus motivos secretos.

Uma vez que estejamos na câmara (...) faremos uma postura para que não se possa nunca, nem por nenhum motivo, seja de saúde ou de ordem pública, ou de melhoramento, ou dos diabos, nunca se possa pôr a Rua do Ouvidor, a do Ourives, a de Gonçalves Dias e a da Quitanda, no deplorável estado em que se tem achado e se acham, com o falacioso pretexto das águas fluviais. (...)

Nada, nada, vereança para as damas! Advogue A Estação este programa, e não terá o desgosto de ver os nossos vestidos, feitos pelos seus figurinos, enlameados como pé de calceteiro, ou então metidos em casa, criando mofo. Eia, minhas senhoras! Audácia e vinguem-nos. (...) (A *ESTAÇÃO*, 1886)

O ‘gênero’ nas letras: as escritoras d’A Estação e a imprensa feminina carioca.

A questão de ‘gênero’, neste artigo, não será compreendida como um problema a ser abordado em separado ao processo de articulação e desenvolvimento da literatura nacional do final do século XIX. O conceito ‘gênero’ já gerou muitos debates teóricos e epistemológicos. Para o momento, dimensiono a complexidade do tema a partir da ideia mais geral que pode ser apreendida da obra mais recente de Eleni Varikas (VARIKAS, 2016). A autora afirma que gênero é um conceito itinerante; perpassa a história intelectual, a teoria política e a epistemologia. Abordando o conceito a partir das letras e da imprensa, numa interpretação sócio-histórica, proponho que o conceito seja aqui encarado como a organização social da diferença sexual, ou os modos pelos quais hierarquias de diferença- inclusão e exclusões - foram construídas ao longo da história. Natalie Zemon Davis (1997) atentou-se para o papel relacional, ou seja, a importância dos sexos dos grupos de gênero no passado e desvendou a amplitude dos papéis sexuais e do simbolismo sexual nas várias sociedades e épocas, apontando qual o seu sentido e como funcionavam para manter a ordem social e para mudá-la.

Nenhuma das obras teóricas analisadas no tópico anterior evidenciou o papel feminino para a formação da literatura nacional, tampouco mencionou a mulher como um agente social importante na formulação de projetos sociais e políticos como a Abolição e a República.⁴ Mas, a mulher esteve presente. Não como personagem de romances e crônicas, como é mais usual ser notado e, sim, presente em carne, osso e opinião. Da ‘mulher’, entidade coletiva e abstrata à qual atribuem-se caracteres de convenção (PERROT, 2005) passo a investigar as mulheres singulares, isto é, figuras reais que viveram e transpuseram suas experiências para as páginas dos jornais.

A mulher pode ser percebida como público leitor e, sobretudo, como produtora de textos e pensante ativa de uma literatura nacional que se posicionava politicamente nesse momento de conflito nas letras e na política. Ainda hoje, a questão de gênero que permeia todas as nossas relações sociais ainda não foi integrada de modo orgânico e relacional à maior parte das pesquisas produzidas, sobretudo no campo das relações entre história e literatura, que ainda se dedica a estudar somente os autores consagrados: homens e canonizados. Há um aspecto combativo da atuação feminina na imprensa e nas letras de modo mais geral que deve ser explorado. Existem aspectos pouco esclarecidos das biografias e das trajetórias literárias de algumas dessas escritoras brasileiras, deve-se, portanto, insistir na busca incessante em integrar a questão de gênero das escritoras femininas às pesquisas em história social dedicadas à literatura brasileira.

As lacunas no estudo sobre as escritoras do século XIX e o apagamento de suas obras foram apontadas por Zahidé Lupacci Muzart (2000) e Norma Telles (2012). Com efeito, almejando justamente suprir essas ausências é interessante relacionar os escritos de homens de letras, que contribuíram nos mesmos jornais nos quais as mulheres de letras escreveram e a partir disso, traçar redes de contatos entre eles. A hipótese inicial de meu argumento é a de que partindo d’A *Estação jornal ilustrado para a família* (1879- 1904), periódico de sucesso que congregou homens e mulheres de letras, poderei percorrer, como num primeiro “alinhavo”, o começo dessas redes de diálogo e de contatos entre profissionais das letras, homens e, sobretudo, mulheres. Machado de Assis e Arthur Azevedo são dois homens interessantes para o início dessa jornada, justamente pelo questionamento que apresentaram sobre as concepções mais usuais do

⁴ALONSO (2015) menciona, em alguns momentos, mulheres no movimento abolicionista. Contudo, elas apenas seriam coadjuvantes que cativavam possíveis doadores de dinheiro para os comícios, ou mesmo, restringiam-se à atuação artística, como a prima-dona russa Ana Bulicoff.

papel social da mulher na sociedade brasileira de fins do século XIX, como comentei brevemente no item anterior. No entanto, enquanto Machado e Arthur Azevedo trabalharam com imagens das mulheres de seu tempo: personagens femininas ou as possíveis leitoras d'A *Estação*, as escritoras femininas que agora apresento tinham a experiência vivida de serem mulheres e escritoras na segunda metade do século XIX. Todas elas atuantes na imprensa feminina, buscaram ampliar a atuação da mulher em várias esferas da vida pública brasileira, principalmente com a ascensão da República, forma de governo que poderia ampliar os direitos sociais da população brasileira.

Ignez Sabino [Maria Ignez Sabino Pinho Maia] foi uma escritora recorrente na imprensa dirigida por mulheres⁵ e também colaboradora d'A *Estação*, iniciando com uma série de biografias de mulheres escritoras com o título “Esboços e Perfis” ou “Esboços Femininos”.⁶ Além de artigos em periódicos femininos Ignez Sabino teve uma produção intensa de poesia e contos. Com um viés de cunho social destaca-se a coletânea de contos, crônicas e poesia: *Contos e Lapidações* (1891). Em 15 de outubro de 1890, n'A *Estação* com o título “Bibliografia”, anuncia-se o novo livro de Ignez Sabino, com prefácio de Silvio Romero, o *Contos e Lapidações*, editado por Laemmert. A nota diz: “Os leitores da Estação já conhecem a máscula energia de sua ativa pena”. Ignez Sabino foi descrita como mulher culta, com “vasta ilustração” e “educação esmerada”. Apesar do conteúdo elogioso da nota, destinada à escritora feminina, o adjetivo “máscula energia” chama a atenção para as concepções da crítica em relação à mulher escritora: Sabino tem uma energia máscula na escrita, por isso é uma mulher culta e inteligente. Sua escrita estaria mais próxima de características próprias à escrita masculina, segundo a nota da revista que não tem autoria identificada.

Todavia, Ignez Sabino era uma escritora militante na imprensa feminina e na causa pela obtenção de direitos às mulheres, bem como pela consagração da produção intelectual das mulheres brasileiras. Ela preocupou-se em perenizar nomes femininos que se destacaram por atos cívicos ou por suas obras literárias no livro *Mulheres ilustres do Brasil* (1899). Em seu livro *Contos e Lapidações*, Sabino mostra em suas reflexões uma preocupação aguda com as lutas da mulher brasileira pelo acesso à educação em fins do século XIX. Como exemplo, cito o conto “Marianita”:

⁵*Echo das Damas* (Rio de Janeiro, 1879-1888), *Corymbo* (Rio Grande do Sul, 1883-1943), *A Família* (Rio de Janeiro, 1888-1897), *A Mensageira* (1897-1900), *Escrínio* (1898-1910) e mais dois periódicos femininos em Portugal

⁶Publicados de 15 de abril de 1890 até 30 de novembro de 1890. Esses escritos podem ser considerados como precursores de uma das obras mais importantes e conhecidas de Ignez Sabino: *Mulheres ilustres do Brasil* (1899).

A mulher é sempre mulher: mas por Deus! Aquela que por um ímpeto evolutivo quisesse se sobressair, afastando-se do círculo apertado em que vive deixassem-na sobressair, não se lhe fechassem assim os templos da ciência, que na Europa e na América do Norte são franqueados às mesmas cortesmente. A ciência e a arte são duas irmãs gêmeas precisas ao desenvolvimento da intelectualidade feminina daqui, dali, e d'além mar. A mulher de hoje, felizmente, já não é uma simples figura alegórica de ornato, nem uma Cariátide, enfim. (...) (SABINO, Apud: MUZART, 2000, p. 594).

Ainda em *Contos e Lapidações*, Sabino denota franca consciência das mudanças sociais e políticas engendradas pela proclamação da República. Em “Crenças e Opiniões” a autora propôs uma certa análise da política nacional:

Deu-se há mais de dois anos, somente entre nós a proclamação da República. A sua realização parecia utopia; mas o fato confirmou-se, fazendo estremecer os fortes, à vista do novo Sansão, que abalou e bateu sem uma gota de sangue as colunas do templo da monarquia. O golpe político foi profundo; há de ser falado enquanto a História do seu país for escrita no pergaminho do tempo, enquanto houver corações que saibam compreender o que seja patriotismo.

Torna-se mister, à vista da mudança das coisas, corrigirem-se as leis e ditar novas bases sobre as tábuas do livro do livro novo do Moisés brasileiro. (...) (SABINO, Apud: MUZART, 2000, p. 603).

Sabino contribuiu para muitos períodos femininos, fundados e dirigidos por mulheres, concentrando sua produção jornalística nas últimas décadas do século XIX e início do século XX. Contribuiu também para o *Echo das Damas*, *Corymbo* (jornal do Rio Grande do Sul), *A Família*, *A Mensageira* e *Escrínio*. Em Portugal, escreveu para o *Almanach de Lembranças* e *Almanach das Senhoras*.

Délia [Maria Benedicta Câmara Bormann] foi outra escritora ativa entre 1880-1890, que tinha laços de amizade com Ignez Sabino (ARAÚJO, 2008). Ambas participaram dos mesmos periódicos,⁷ tanto aqueles dirigidos por mulheres, como os de público geral. Délia escreveu durante dez anos para os principais jornais do Rio de Janeiro. Iniciou n' *O Sorriso* com o romance *Madalena* (1881), depois para *Cruzeiro*, com contos breves e folhetins em 1882, na *Gazeta da Tarde* de José do Patrocínio, com *Aurélia* (1883), na *Gazeta de Notícias* de Ferreira Araújo, com *Carta à Noêmia* (1884)

⁷*Gazeta de Notícias* (1874-1977), *Echo das Damas* (1879-1888), *Gazeta da Tarde* (1880-1901), *Corymbo* (1883-1943), *O Paiz* (1884-1900), *A Família* (1888-1897), *A mensageira* (1897-1900), *Escrínio* (1898-1910) e os portugueses *Almanach de Lembranças* (1851-1932) e *Almanach das Senhoras* (1871-1928).

onde Machado de Assis também participou com a série de crônicas coletivas “Balas de Estalo” (1883-1886).

O romance mais polêmico de Délia, segundo a crítica da época,⁸ foi *Lésbia* (1890), narrativa da vida de uma jovem chamada Arabela. Filha única de uma família com posses, dotada de extraordinária inteligência, vive feliz até os 16 anos. Por volta dos 18-19 anos casa-se e é infeliz no casamento, pois tem um marido hostil, grosseiro e ciumento que zombava do empenho de Arabela nos estudos. A moça, com o consentimento do pai, expulsa o marido de casa e a partir de então começa sua jornada de bailes e festas, até sofrer uma desilusão amorosa que a impulsiona definitivamente para o mundo das letras. Com isso, Délia encontrou um campo perfeito para a descrição das limitações criativas impostas à mulher que pretendia se dedicar às letras. Apesar de tudo, *Lésbia*, pseudônimo adotado por Arabela, consegue escrever nos jornais cariocas.

Délia criou uma personagem abolicionista que não só criticava os proprietários de terras e escravos, mas também os novos grupos sociais que emergiam em fins do século XIX, burgueses arrivistas e enriquecidos. Sua crítica parte dos titulados e baronatos, na época da Guerra do Paraguai que:

Serviram de recompensa aos indivíduos que tiravam os pobres negros da enxada das fazendas ou do serviço doméstico, todos marcados pelo azorrague, pondo-lhes a farda às costas, sem lhes consultarem a vontade ou talvez por um requinte de vingança (...) marcharam os párias para a morte, obedecendo à voz do cabo como haviam obedecido à do feitor, resgatando a sua liberdade de homens do campo de batalha, derramando o sangue em prol d’essa pátria que lhes fora madrastra, e que tantas vezes haviam regado com seus suores (BORMANN, 1998, p. 135).

A crise e decadência do Império, iniciada com a Guerra do Paraguai vai se desdobrando nos argumentos da literata e personagem *Lésbia*. Para ela, os títulos e honras seriam de direito dos “beneméritos soldados negros do que nos brancos traficantes de carne humana”. Na década de 1880 esses homens brancos, injustamente coroados com as honrarias ofertadas pela Coroa, “agora, com o abolicionismo, apresenta-se novo ensejo de especular com o *ébanos*; todos os dias, chusmas de humanitários restituem alguns desgraçados à liberdade, recebendo sempre uma indenização, embora mude de espécie; não é dinheiro, mas é honraria” (BORMANN, 1998, p. 135).

⁸Crítica ácida e negativa de Araripe Júnior, que afirma ser *Lésbia* um livro nada original que apenas pinta o “retrato vulgar de uma mulher tola e orgulhosa”, foi publicada no *Correio do Povo*, Rio de Janeiro, 17-18 de novembro de 1890.

Muito parecida com a postura crítica de Machado de Assis, apesar de não fazer tal comparação, Norma Telles pondera que Délia, sendo mulher “não faz parte dos ‘mosqueteiros intelectuais’” da geração de 70, apesar de ter “vivido o mesmo período de mudanças (...) suas críticas devem ser vistas a partir da perspectiva da escritora à margem da cultura central” (TELLES, 2012, p. 391). Nesse âmbito de identificação marginal, similar à sugestão de Natalie Davis, a escritora se identificou com os escravizados e como parte de sua incitação à mudança social utilizou a metáfora da escravidão como modo de transmissão da raiva acumulada (TELLES, 2012, p. 391). Fato notável, no dia 15 de novembro de 1891 *A Estação* publicou uma nota bibliográfica indicando a leitura de *Lésbia*. A nota não tem autoria, mas apresenta Délia de modo elogioso, afirmando que não se trata de uma autora iniciante:

(...) sob o pseudônimo de *Lésbia* oculta-se uma escritora inteligente e profundamente conhecedora do coração.

Tem defeitos. Quem não os tem?

Gosta muito das digressões. O menor incidente é pretexto para ela escrever 5 ou 6 páginas que nos encantam por seu estilo bem trabalhado e não vulgar.

Gosta muito de citar autores. Se isto revela da parte de Délia muita leitura, por outro lado é preciso convir que o espírito do leitor se fatiga e se distrai.

Délia não é uma estreante. *Madalena*, um dos seus romances, tem talvez mais vibração do que *Lésbia*, que, se não é uma obra prima, não deixa de ter algum merecimento.

É uma história simples e comovente. Por isso mesmo tem valor.

A indicação de *Lésbia* para as “mães de família” d’*A Estação* corrobora com a hipótese inicial dos sentidos amplos que essa revista pode suscitar. Além de apresentar um breve relato de *Lésbia*, traça um perfil da escritora Délia, inclusive indicando outro romance de sua autoria, *Madalena*, ampliando o campo de indicações de leituras para as assinantes d’*A Estação*.

A última mulher a ser elencada é Josephina Álvares de Azevedo, fundadora do jornal *A Família: jornal literário dedicado á mãe de família*, São Paulo, 1888-89; Rio de Janeiro, 1889-98, no qual Ignez Sabino e Délia participaram. Ela destaca-se como uma defensora pioneira do voto feminino em vários artigos escritos em seu jornal. A potencialidade da obra de Josephina de Azevedo pode ser depreendida de *Retalhos* (1890), obra que reúne artigos publicados na imprensa e ainda não foi localizado

(MUZART, 2000, p. 489) e a peça teatral *O voto feminino* (1890). Ambas as obras abordam o direito ao voto e a questão da educação da mulher.

A peça de teatro *O voto feminino* é pontual, pois simboliza um desejo imediato da autora em ver o direito ao voto feminino concretizado, com a ascensão da República e a Assembleia Constituinte:

Inês: (...) De agora em diante mandam todos igualmente. E para o futuro, seremos todos iguais perante a lei.

Anastácio: Nunca, Sra. Inês; nunca!

Rafael: Nunca, repito. O direito de voto não há de vir.

Esmeralda: Olá, Sr. meu marido, então o Sr. também?...

Rafael: Não... sim... Mas isso é uma invasão de atribuições...

Doutor: Perdão, eu creio que se trata do voto feminino. É uma coisa perfeitamente justa!

Anastácio: Justa! Isso diz o Sr. E sabe porque o diz? É porque não é casado.

Rafael: descensem! O direito de voto à mulher não veio nem virá!

Esmeralda: Lá isso não. A consulta está em mãos do ministro; hoje ou amanhã será introduzida na lei.

A peça foi encenada em 26 de maio de 1890 no Recreio Dramático, um dos teatros mais populares do Rio e depois teve uma versão impressa e outra versão em folhetins no jornal *A Família*. Sua finalidade era a de sensibilizar as autoridades republicanas em relação à condição política marginal da mulher brasileira. A militância de Josephina Azevedo encerra um empenho de luta feminina ao final do século XIX exemplificando uma aposta na força democrática da República e no poder transformador da arte e da literatura, perfazendo um panorama completo das demandas sociais e agentes históricos empenhados em modificar o quadro social da nação brasileira.

Considerações finais

A produção jornalística e literária de Machado de Assis (1839-1908), Arthur Azevedo (1855-1908), Ignez Sabino (1853- 1911), Maria Benedicta Câmara Bormann [Délia] (1853-1895) e Josephina Álvares de Azevedo (1851-?), entre as décadas de 1880 e 1890 oferece uma oportunidade única de estabelecermos uma compreensão mais completa do campo das letras em fins do século XIX. Neste artigo o recorte dos escritos

desses literatos e dessas literatas partiu da colaboração de Machado de Assis, Arthur Azevedo e Ignez Sabino n´A *Estação* no mesmo período entre as décadas supracitadas. Desse modo, meu argumento sobre a conexão entre esses literatos e essas literatas partiu d´A *Estação* e pode ser estendido para um diálogo com os periódicos dirigidos por mulheres: *Echo das Damas* (1879-1888), *Corymbo* (1883-1943), *A Família* (1888-1897), *A mensageira* (1897-1900) e *O sexo feminino* (1873-1889, [*O Quinze de Novembro do Sexo Feminino*, pós-república]), nos quais Ignez Sabino, Délia e Josephina Álvares de Azevedo colaboraram (considerando que *A Família* foi fundado por Josephina Azevedo), bem como para a participação de Ignez Sabino e Maria Benedita Câmara Bormann em periódicos de público mais amplo e maior circulação: *Gazeta da Tarde* (1880-1901), *Gazeta de Notícias* (1874-1977) e *O Paiz* (1884-1934), nos quais “homens de letras” também publicavam.

Pretendi traçar um panorama amplo e evidenciar a participação das mulheres em temas e debates políticos e sociais como a Abolição e a República, no contexto de embates pela conquista de direitos, buscando não apenas cruzar fontes que ligam mulheres escritoras, mas também integrá-las ao movimento das letras formado pelos homens, destacando Machado de Assis e Arthur Azevedo.

Referências

ALONSO, Angela. *Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ARAÚJO, Maria da Conceição Pinheiro. *Tramas femininas na imprensa do século XIX: tessituras de Ignez Sabino e Délia*. Tese de doutorado em Letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

ASSIS, Machado de. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

----- . *Bons Dias!* Introdução e notas John Gledson. Campinas, SP: Unicamp, 2008.

AZEVEDO, Josephina Álvares [Zefa]. *O voto feminino*. In: *A Família: jornal literário dedicado à mãe de família*. Rio de Janeiro, 1890.

BERNARDES. Maria Thereza Caiuby Crescenti. *Mulheres de Ontem? Rio de Janeiro-século XIX*. São Paulo: T.A. Queirz, 1998.

- BORMANN, Maria Benedicta [Délia]. *Lésbia*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1998.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. *Mulher de Papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 1981.
- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, Historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CHARTIER, Roger. “História e Literatura”. *À beira da falésia – a história, entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- DAVIS, Natalie Z. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. Trad. Hildegard Fiest. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FITZ, Earl. *Machado de Assis and Female Characterization*. Bucknell: University Press, 2015.
- GLEDSON, John. *Por um novo Machado de Assis: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HAHNER, June H. *Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940*. Trad. Eliane Tejera Lisboa. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.
- NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Trad. Celso Nogueira. Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Ana Cláudia Suriani. *Machado de Assis: do folhetim ao livro*. São Paulo: Nversos, 2015.
- TELLES, Norma. *Encantações: escritoras e imaginação literária no Brasil, século XIX*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- THOMPSON, E. P., *Os Românticos: A Inglaterra na era revolucionária*. (trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- TURNER, Cheryl. *Living by the pen: Women writers in the eighteenth century*. London \New York: Routledge, 1994.
- PEREIRA, Leonardo Affonso. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Unicamp, 2004.

VARIKAS, Eleni, *Pensar o sexo e o gênero* (trad.). Campinas, SP: Unicamp, 2016.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

Texto recebido em: 20/12/2016.

Texto aprovado em: 05/05/2017.